

Ousmane Sembène



“O cinema serve simplesmente como tela sobre a qual reflectimos juntos. O importante é que o cinema se torne olho, espelho e consciência.”
O.S.

“Tu nous regardes comme des insectes”, disse Ousmane Sembène a Jean Rouch. Para Sembène o cinema sempre foi uma arma política, mais forte que a sua prolífica obra escrita, que não chegava a uma população nacional maioritariamente iletrada. Quis expor em imagens a brutalidade das relações coloniais: o cinema como um instrumento de descolonização e revolução.

Em *Borom Sarret* o condutor de uma carroça é desapossado do seu instrumento de trabalho, pela ousadia de pisar a linha que separa as classes senegalesas em Dakar. Encontrando já neste primeiro filme as suas bandeiras — a luta de classes, o feminismo, a recusa da europeização da cultura senegalesa, a hipocrisia do neo-colonialismo e do governo pós-independência — viajamos por Dakar numa magnífica cópia restaurada.

Finalmente uma imagem de África vinda de dentro! No continente africano existe a vontade de um cinema que contrapõe preconceitos e clichés europeus. *Niaye* confirma-o, no retrato de uma comunidade em desarmonia, e na personagem de um filho-soldado que regressa louco de uma guerra que não era sua. *La noire de..*, também apresentado em cópia restaurada, estreou-se com uma duração mais curta devido a questões burocráticas (assim é também o cinema africano, com dificuldades de financiamento e tentativas de ingerência), deixando de fora várias cenas cortadas que conhecemos apenas do guião. Ao colocar uma bela e bem-vestida mulher senegalesa num barco que chega a França, à sua espera um homem branco de fato, Sembène semeia as falhas nas estruturas que pretende desmoronar. A sua primeira longa, *Mandabi*, é também o primeiro filme inteiramente falado em Wolof. *Mandabi* resistiu às tentativas do produtor de o transformar numa comédia à francesa filmada em África para confrontar os espaços da comunidade (de identidade e pertença) com os espaços neo-coloniais (de assimilação ou alienação), a mesma dualidade vivida em *Tauw*, a curta que realiza de seguida.

Em *Emिताi*, também rodado inteiramente em Wolof, encontramos de novo as mulheres como agentes da revolução: elas escondem a colheita e recusam-se a entregá-la aos soldados franceses. Também em *Ceddo* é uma mulher que desfere o golpe na tirania da religiosidade, atestando de novo uma importante afirmação recorrente nesta filmografia: da revolta não se dissocia o papel da mulher. À época o presidente Senghor censura a estreia de *Ceddo*. Como poderia um filme em que uma mulher mata um líder islâmico estreiar no Senegal? Entre estes dois filmes, Sembène filma ainda *Xala*, obra que mais se demora a criticar a burguesia intelectual senegalesa assimilada e a poligamia.

Forma e conteúdo têm sublime apogeu em *Camp de Thiaroye*, talvez a sua magna obra: o filme abre com a imagem do jovem soldado Pays tocando o arame farpado do campo para onde regressam os soldados negros, já em solo africano, depois de terem combatido pela França na II G.M.. Uma comparação difícil de esquecer. “Nous sommes pas des citoyens françaises, nous sommes des sujets françaises”, diz Diatta, um dos protagonistas, e a sua descrença ainda hoje ecoa. Por mais três filmes — *Guelwaar*, *Faat Kiné* e *Moolaadé* — Sembène continuará a apontar o dedo à sociedade senegalesa assimilada, à burguesia, à hipocrisia do “homem moral” religioso, à negritude do projecto de Senghor, até nos deixar em 2007. Em *Guelwaar* com o dedo em riste à religiosidade e em *Faat Kiné* e *Moolaadé* dignificando e homenageando a mulher senegalesa moderna e livre.

Mafalda Melo



“Film simply serves as a canvas on which to reflect together with each other. What is important is that cinema becomes eye, mirror, and awareness.”
O.S.

film — the class struggle, feminism, the refusal of the europeanization of Senegalese culture, the hypocrisy of neo-colonialism and post-independence government — we travel through Dakar in a magnificent restored print.

Finally an image of Africa from within! On the African continent there is a desire for a cinema that opposes European prejudices and clichés. *Niaye* confirms this, in the portrait of a community in disharmony, and in the character of a young soldier who returns mad from a war that was not his to fight. *La noire de..*, also presented in a restored copy, premiered with a shorter duration due to bureaucratic issues (this too is African cinema, with funding difficulties and interference attempts), leaving out several scenes cut that we only know from the script. By placing a beautiful and well-dressed Senegalese woman on a boat arriving in France, a white man in a suit awaiting her, Sembène is already clawing the structures he intends to help collapse. His first feature, *Mandabi*, is also the first film entirely spoken in Wolof. *Mandabi* resisted the producer's attempts to turn it into a French comedy filmed in Africa to confront the spaces of the community (of identity and belonging) with the neo-colonial spaces (of assimilation or alienation), the same duality experienced in *Tauw*, the short film that followed.

In *Emittai*, also shot entirely in Wolof, again we find women as agents of the revolution: they hide the harvest and refuse to hand it over to French soldiers. Also in *Ceddo*, it is a woman who strikes the tyranny of religiosity, again attesting to a recurring statement in this filmography: the role of women is not to be dissociated from revolution. At the time, President Senghor censored *Ceddo*'s premiere. How could a film in which a woman kills an Islamic leader premiere in Senegal? Between these two films, Sembène also films *Xala*, a work that criticizes at length the assimilated Senegalese intellectual bourgeoisie and polygamy.

Form and content hit a sublime peak in *Camp de Thiaroye*, perhaps his magnum opus: the film opens with the image of the young soldier Pays touching the barbed wire on the camp to which the black soldiers are returning, already on African soil, after having fought for France at WWII, a comparison hard to forget. “Nous sommes pas des citoyens françaises, nous sommes des sujets françaises”, says Diatta, one of the protagonists, his disappointment still echoing today. For three more films — *Guelwaar*, *Faat Kiné* and *Moolaadé* — Sembène will continue to point the finger at the assimilated Senegalese society, the bourgeoisie, the hypocrisy of the religious “moral man”, the négritude of Senghor's project, until his death in 2007. In *Guelwaar* he aims at the core of religiosity and in *Faat Kiné* and *Moolaadé* he dignifies and honors the modern and free Senegalese woman.

Mafalda Melo



● ●
BOROM SARRET +
LA NOIRE DE... + TAUW

85'
 25 TER/TUE, 21:30, CINEMATECA FR · C. 141
 5 SÁB/SAT, 19:00, CINEMATECA FR · C. 143

BOROM SARRET

THE WAGONER

Ousmane Sembène, Senegal, doc., 1963, 20'
 É já com quarenta anos e com vários romances publicados que Sembène começa a filmar. Nesta sua segunda curta, seguimos um condutor de carroça pelas ruas pobres e desoladas de Dakar.

Sembène was already forty and with some novels under his pen when we became a filmmaker. In his second short film, we follow a poor cart driver through the streets of Dakar.

LA NOIRE DE...

BLACK GIRL

Ousmane Sembène, Senegal/França · *Senegal/France*, fic., 1966, 65'

A longa metragem inaugural de Sembène é tida como o primeiro filme de um realizador da África subsariana a ter atenção internacional. Baseado num conto homónimo do autor, ela acompanha a vinda, de Dakar para a Riviera francesa, de Diouana, uma jovem senegalesa, contratada como *babysitter* por um casal francês. Este é um trajecto de silenciosa rebelião, na passagem dos sonhos ilusórios por uma vida melhor a uma realidade de exploração.

Sembène's first feature is considered to be the first Sub-Saharan African film by an African filmmaker to receive international attention. Based on an author's homonymous short story, it tells the coming from Dakar to the French Riviera, of Diouana, a young Senegalese woman, hired as a babysitter by a French couple. This is a silent rebellion path, going from illusory dreams of a better life to a reality of exploration.

TAUW

Ousmane Sembène, Senegal, fic., 1970, 24'

Tauw e Ouman são irmãos. Tauw, o mais velho, procura, em vão, um emprego. Ouman, 11 anos, procura, em vão, apoios para o seu líder religioso. Diferentes fases de crescimento, o moderno e o tradicional em confronto, nas ruas de uma Dakar em mudança após a independência.

Tauw e Ouman are brothers. Tauw, the eldest, looks in vain for a job. Ouman, 11 years old, looks in vain for monetary support for his

religious leader. Different stages of growth, the modern and the traditional in confrontation, in the streets of a changing Dakar.

● ●
CAMP DE THIAROYE

Ousmane Sembène, Senegal/Argélia/Tunísia · *Senegal/Algeria/Tunisia*, fic., 1988, 157'
 29 SÁB/SAT, 15:30, CINEMATECA FR · C. 147
 4 SEX/FRI, 21:30, CINEMATECA E · C. 149

Talvez a obra-prima de Ousmane Sembène e o grito mais intenso de condenação das injustiças do colonialismo. No rescaldo da 2.ª Guerra Mundial, os soldados senegaleses regressam da Europa e, antes do retorno a casa, são colocados no acampamento militar de Thiaroye. Perante as más condições de acomodação e a redução de pagamento, os soldados revoltam-se e são massacrados às mãos do exército francês. Vencedor do prémio especial do Júri em Veneza.

Maybe Sembène's masterpiece and one of cinema's most intense condemnations of colonialism. At the end of WWII, Senegalese soldiers are coming home from Europe and placed in Thiaroye's military camp. Given the poor conditions they are kept and also the cut in severance pay, the soldiers revolt. The tragedy happens with their massacre at the hands of the French army. Winner of the jury special grand prize in Venice.

● ●
CEDDO

Ousmane Sembène, Senegal, fic., 1977, 120'
 27 QUI/THU, 21:30, CINEMATECA E · C. 153
 3 QUI/THU, 15:30, CINEMATECA FR · C. 155

Ceddo é o nome dado aos últimos detentores do espiritualismo africano antes da chegada do islamismo e cristianismo. Numa aldeia senegalesa do séc. XVII, o rei Demba War cede às pressões do líder islâmico e os ceddo raptam a sua filha para prevenir a conversão forçada à nova religião. Este "micro épico", como foi apelidado, foi à época censurado e conta-se que Sembène distribuía, à saída dos cinemas, panfletos que descreviam as cenas removidas.

Ceddo is the name for the last holders of African spiritualism before the arrival of Islam and Christianity. Set in a Senegalese village in the XVII century, The king Demba War sides with the Islamic leader. The ceddo organise and kidnap his daughter in order to prevent forced religious conversion. This "micro epic", as it has been described, was censored and, so the story goes, Sembène used to distribute flyers at film

theatres describing the removed scenes.

● ●
EMITAI

GOD OF THUNDER

Ousmane Sembène, Senegal, fic., 1971, 103'
 29 SÁB/SAT, 21:30, CINEMATECA E · C. 215
 2 QUA/WED, 15:30, CINEMATECA FR · C. 217

Durante a 2.ª Guerra Mundial, as forças colonialistas francesas do governo de Vichy requisitam o bem mais precioso que têm os habitantes da aldeia senegalesa de Efock: o arroz. A minoria étnica dos Diola reorganiza-se para a resistência: enquanto os anciãos rezam a Emitai, o Deus do trovão, as mulheres, mais pragmáticas, escondem a colheita. Esta história de silenciosa resistência esteve censurada 5 anos após a sua estreia em toda a África francófona.

During WWII, French colonialist forces from Vichy's government requested the most precious good in the Senegalese village of Efock: rice. The ethnical minority of the Diola organise for resistance: while traditional elders pray to Emitai, the God of thunder, the women, more practical, hide the crops. This silent resistance story was censored for 5 years after its release in all francophone Africa.

● ●
FAAT KINÉ

Ousmane Sembène, Senegal, fic., 2001, 120'
 31 SEG/MON, 21:30, CINEMATECA E · C. 227
 8 TER/TUE, 19:00, CINEMATECA FR · C. 229

Quase uma década após o seu filme anterior, Sembène assina o que seria o primeiro volume de uma planeada trilogia sobre o heroísmo quotidiano da mulher africana. *Faat Kiné* é mãe solteira numa Dakar moderna, plena de contradições e aspirações de mudança. Vive com os seus dois filhos, de dois ex-maridos, tendo de lidar não apenas com a pressão social da sua condição, mas também lutar pelas suas aspirações profissionais num mundo dominado pelo patriarcado.

Nearly a decade after his previous film, Sembène directs here the first of a planned trilogy about the daily heroism of the African woman. *Faat Kiné* is a single mother in a modern Dakar, full of contradictions and hopes of change. She lives with her two children, of two ex-husbands, having to deal not only with the social pressure of her condition, but also fight for the professional goals in a world dominated by patriarchy.



GUELWAAR

Ousmane Sembène, França/Alemanha/Senegal/ EUA · *France/Germany/Senegal/USA*, fic., 1992, 115'
 28 SEX/FRI, 21:30, CINEMATECA E · C.247
 7 SEG/MON, 15:30, CINEMATECA FR · C.249

Esta comédia de enganos começa com a morte de Guelwaar (que significa “o nobre”), padre e activista católico. Quando a família vem reclamar o corpo à morgue apercebe-se que este desapareceu e que foi enterrado por engano num cemitério muçulmano. Sátira a uma África atolada pelos pequenos conflitos, por uma burocracia paralisante e pelos dogmas e crenças religiosas em confronto. A ironia fina e os pequenos detalhes revelam toda a mestria de Sembène.

This comedy of errors starts with the death of Guelwaar (translated as “noble one”), a catholic activist priest. When the family comes to the morgue to claim the body, they realise he is gone and was buried by mistake in a muslim cemetery. This a satire to an Africa ridden with small conflicts, a paralyzing bureaucracy and the clashing religious dogmas and beliefs. The subtle irony and the small details reveal Sembène’s masterful skills.

MOOLAADÉ

Ousmane Sembène, Serra Leoa/França/Marrocos/Tunísia/República dos Camarões/Burquina Faso · *Sierra Leone/France/Morocco/Tunisia/Cameroon/Burkina Faso*, fic., 2004, 124'
 1 TER/TUE, 15:30, CINEMATECA FR · C.545
 5 SÁB/SAT, 21:30, CINEMATECA E · C.547

O último filme de Sembène e segundo de uma planeada trilogia sobre o heroísmo da mulher africana. Numa pequena vila senegalesa, Collé Ardo, a segunda mulher de um próspero agricultor, prepara o casamento de sua filha. Eis que resolve acolher quatro meninas que procuram refúgio na sua casa para escapar ao ritual de “purificação”, que consiste na sua excisão genital. Tal atitude inicia um conflito que divide irremediavelmente os membros da sua comunidade.

This is Sembène’s last film and the second of a planned trilogy about the heroism of the African woman. In a small Senegalese village, Collé Ardo, the second wife of a prosperous farmer, plans her daughter’s marriage. But suddenly, she decides to shelter four young girls that are trying to escape the “purification” ritual of female circumcision. Her attitude causes a conflict in the village, dividing the members of her community.

NIAYE + MANDABI

140'
 2 QUA/WED, 19:00, CINEMATECA FR · C.549
 5 SÁB/SAT, 15:30, CINEMATECA FR · C.551

NIAYE

Ousmane Sembène, França/Senegal · *France/Senegal*, fic., 1964, 35'

Inspirado em factos reais, *Niaye* narra através de um griot — um contador de histórias africano — o caso de uma jovem cuja inesperada gravidez vem escandalizar a comunidade e agitar os valores tradicionais de uma pequena vila senegalesa.

Based on real events, *Niaye* tells us, through the words of a griot — a traditional African storyteller — the case of a young woman that suddenly turns up pregnant. The situation will challenge the traditional morals of a small Senegalese village.

MANDABI

Ousmane Sembène, França/Senegal · *France/Senegal*, fic., 1968, 105'

Um homem senegalês de meia idade, desempregado, vive com as suas duas mulheres e filhos em Dakar. Quando recebe um vale postal vindo do seu filho, trabalhador em Paris, começam os problemas burocráticos para o levantar. Sembène foca-se, pela primeira vez, na corrupção da vida quotidiana do seu país, cumprindo o sonho de fazer um filme todo falado em Wolof. O olhar crítico valeu-lhe a censura no Senegal e um prémio internacional da crítica no Festival de Veneza.

A Senegalese middle-aged man, unemployed, lives with his two wives and kids in Dakar. When he receives a money order from his son, working in Paris, bureaucratic problems arise in order to cash the money. Sembène turns his attention, for the first time, to the corruption of daily life in his country, fulfilling his dream to direct a film entirely spoken in his Wolof language. Despite censorship, the

film received the international critics’ prize in Venice.

XALA

Ousmane Sembène, Senegal, fic., 1975, 123'
 2 QUA/WED, 21:30, CINEMATECA FR · C.651
 11 SEX/FRI, 19:00, CINEMATECA FR · C.653

Nos anos pós-independência, no Senegal mantém-se a influência ocidental. Um ganancioso homem de negócios retira dividendos dessa situação e, como prova do seu sucesso, casa-se com a sua terceira mulher. Mas eis que, ao tentar consumar o casamento, se vê atacado por uma terrível *xala*, uma maldição que o deixa impotente. Baseada no romance que Sembène escreveu dois anos antes, esta é uma simbólica sátira acerca da impotência social e política do seu país.

In the years after Senegal’s independence, the western influence is still a reality. A greedy businessman profits from the situation and marries a third wife as proof of his success. But when he tries to consummate marriage, he is afflicted with a *xala*, a curse that renders its victims impotent. Based on his novel with the same name, Sembène directs a symbolic satire about the social and political impotence of his country.

